

Conquistas do ser: um jogo hábil

Os Seres Sentidos de Isabel Fraga

Luís Carmelo*

Universidade Autónoma de Lisboa

No cerne da questão do Ser, disse Heidegger, a essência do homem deve ser compreendida em conformidade com algo oculto, anterior e inicial, ou seja, "com aquele lugar que o Ser necessita e conquista para se abrir e revelar". Após uma releitura do livro de Isabel Fraga, cabe perguntar: onde estão as aberturas e revelações que os seus seres sentidos não-de ter conquistado, ao longo da efabulação ? Desde logo, nos próprios sentidos, até porque é inevitável interpretá-los na acepção mais imediata de 'feridos', ou de condoídos, como também não é menos inevitável interpretá-los e, sobretudo, entrevê-los, muito para além disso, no seio de uma conotação que nos arrasta para recortes de conteúdo, para as falhas, ou seja, para a imensa e insondável amálgama de 'sentidos' que liga o corpo aos signos, às falas, às imagens e à própria pensabilidade do mundo.

Como Maria Velho da Costa escreveu no seu brilhante e recente Irene ou o Contrato Social, apenas o soldadinho de chumbo nos sabe apontar o sentido, já que, por natureza sua, este apenas se abre e se revela da mesma maneira que se revelava o antigo Oráculo de Delfos, ou seja, segundo Heraclito, 'sem se mostrar e sem se ocultar'. É também nesta

ambiguidade primeira que os sentidos que dão nome ao livro de Isabel Fraga podem ser lidos, isto é, como uma névoa imperscrutável e, ao mesmo tempo, como uma ferida, ou uma dor que se mostra, é verdade, embora esse mostrar seja subtil, delicado, e acabe, portanto, por assentar em algo anterior e inicial, aliás, de acordo com a essência mais profunda do próprio homem.

De facto, neste livro, o ser e a catarse de uma dor muito antiga, no verso e reverso que apaga e reacende visões e digressões discursivas variadas, agem de mãos dadas, por trás de um tom que é coloquial, aparentemente branda, atravessado por uma não exagerada indução narrativa, repartido por pequenas histórias muito depuradas e onde, naturalmente, a própria descrição, com raras exceções (veja-se o início de 'Nice'), não abunda. Não é talvez por acaso que o tema do corte/cortes e da clivagem abre o primeiro dos dezassete contos, parecendo apenas fechar-se e resolver-se no penúltimo, quando uma bela Leonor que "sorria sem motivo para os pássaros" deseja superar a clivagem da traição para tão-só acentuar a plenitude de um amor sem fim. No reverso (algo perverso, diga-se), esse mesmo amor perpétuo acabará por ressurgir, como se quisesse

*Julho de 2000

durar para sempre, através do pintor assassino, em 'O pintor e a sua pena', mas agora sob a figura de imagens e quadros que gravam a própria mortificação amorosa.

Mais diurno e bem-afortunado é o final de 'Passos do Tango', conto que indicia a metamorfose de uma felicidade augurada e que é apenas comparável à sagesa de 'Sem paixão', onde os amados festejam anualmente a "luz que os uniu". No entanto, o negativo desta ventura irradia de imediato num verdadeiro fresco do quotidiano, 'Em família', ou em 'O homem sanduíche surpresa' e em 'As fotografias', onde um certo pranto da indiferença e da perda se torna avassalador, para já não falar do culto do irremediável - simbolizado pelo anel do conto homónimo -, espécie de Godot de uma felicidade, essa sim, sem retorno.

Por outras palavras, se o cheiro do paraíso se perde ('Passeios no campo'), é porque, mais tarde, ou advirá por sortilégio, "vindo do fundo dos tempos"; ou se adequará a uma ferida inexplicável - e não menos "vinda do fundo dos tempos- e que é patente em 'Os objectos' e em 'Quem sou eu?', através das curiosas metáforas da herança ou da baleia, e, sobretudo, na terrível disforia e desistência, ilustrada em 'Prelúdio de Chopin'. Diríamos que Apolo e Dionísio casaram, embora com discrição, na 'sintaxe secreta' - a expressão é de Maria Alzira Seixo - que se resguarda por trás dos muitos Seres e dos muito Sentidos criados por Isabel Fraga.

Porventura, é nos lances que abismam ambos os lados que compõem estes seres sentidos, seja a dor serena, seja a névoa imperscrutável de onde suspendem sorrisos "cheios de luz", que melhor se desoculta a rede de significados que atravessa o livro de Isabel Fraga. E isso acontece nas súbitas digressões

pelo fantástico visionário que surgem, talvez de modo não inocente, no último dos contos (o décimo-sétimo, com o nome 'Memórias do cais'), onde a protagonista escala andares e andares e "lá em cima, lá mesmo, mesmo em cima, a porta, em que metia a chave, dava acesso a um cais. Um cais cinzento, cheio de comboios vazios e cancelas. E bem no fundo, uma rua longa e escura", a evocar os ambientes das mulheres nuas e nocturnas de Delvaux. Contudo, este mesmo ambiente já havia transparecido em 'Encontro marcado', o sétimo conto do volume, número sintomático e jamais casual, onde o onírico visionário já se desvelara, transcendendo a ferida, o mal, mas também o espírito satisfeito e a graça, através do pasmo do próprio evento narrado: "Acontecia sempre. Às duas horas, mais minuto menos minuto, a televisão ligava-se. Num canal qualquer. Sem que ela lhe tocasse... como se estivesse programada. E não valia a pena carregar no botão do comando para a desligar porque, se o fizesse, pouco depois iluminava-se de novo e o som irrompia mais alto do que antes". A história tece-se entre abismos que desfiguram a ordem normal das coisas, uma inapercebida menina que se suicida e, por fim, o soberbo gato que "fixava os olhos luminosos no vazio", aliás o leitmotiv desta trama quase welllesiana.

Resumindo: o livro de Isabel Fraga é para ser lido devagar, é para ser digerido com cuidado, já que esconde e dá a ver habilmente o seu jogo entre o dito (os seres à procura de uma intimidade perigosa, luminosa ou sombria), o não-dito (a dor antiga, o pasmo dos eventos, a tentação esteticizada de, por exemplo, 'Ma nuit chez Maud' que é citado em 'Os Passos do Tango') e, por fim, a digressão visionária, esta capaz de unir e su-

perar o dito e o não-dito e ainda de projectá-los, como dizia o filósofo, naquele lugar de seis sentidos que "o Ser necessita e conquista para se abrir e revelar", dia após dia.

A não perder, por outras palavras.